

## O GRIOT DE IYA N'LA: Severo D'Acelino e a revisitação da ancestralidade afro-sergipana

Jéssica Francisca Mota dos Santos<sup>24</sup>

Daiana Castro Barbosa<sup>25</sup>

Alessandra Corrêa de Souza<sup>26</sup>

### Resumo

Este artigo tem como foco investigar o papel da literatura negro-sergipana como instrumento de resgate da ancestralidade africana, espiritualidade e o papel da mulher negra, a partir da escrita literária de Severo D'Acelino em *Cânticos de Contar Contos* (2019) e *Panáfrica África Iya N'la* (2002). Este estudo tem como objetivo apresentar a literatura negro-sergipana como método para descolonizar as narrativas únicas que foram impostas e ocupam o centro do cânone literário. Como aporte teórico, destacam-se as contribuições de Cida Bento (2022), Renato Nogueira (2018), Sueli Carneiro (2023) entre outros. Neste diálogo, os resultados parciais são problematizar o papel da ancestralidade a partir das lentes das espiritualidades tradicionais africanas e como estas memórias e práticas foram e são ressignificadas na diáspora negra no estado de Sergipe, assim como explorar as conexões entre o matriarcado, a ancestralidade e as religiosidades africanas nos contos (2019): *Jacinta Clotilde a guerreira de Ewá*, *Quintino de Lacerda: o arauto da serra* e *O castigo de Oiya* e nos poemas (2002) - *Suplício racial* e *Sinal de alerta*. Conclui-se que a escrita dacelina é o "território de reexistência", onde a literatura opera como ferramenta de resgate e reconexão com os rastros resíduos da diáspora negra.

**Palavras-chave:** Severo D'Acelino; Ancestralidade; Espiritualidade; Matriarcado; Literatura negro-sergipana.

## THE GRIOT OF IYA N'LA: Severo D'Acelino and the revisiting of Afro-Sergipe ancestry

### Abstract

<sup>24</sup> Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4201468803068194> E-mail: jessicam.posgraduacao@gmail.com

<sup>25</sup> Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0346949382053695> E-mail: daianacastrobarbosa@gmail.com

<sup>26</sup> Doutora em literatura comparada. Professora de Literaturas Hispânicas e Afro-brasileira do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora de Literaturas AFRO-LATINO-AMERICANAS. Área de Concentração: Estudos Literários - Linha de Pesquisa Literatura Comparada no Programa de Pós- Graduação em Letras (PPGL)/UFS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0195174942608154> E-mail: professoraalessandra@academico.ufs.br

This article focuses on investigating the role of Black-Sergipano literature as an instrument for reclaiming African ancestry, spirituality, and the role of Black women, based on the literary works of Severo D'Acelino in *Cânticos de Contar Contos* (2019) and *Panáfrica África Iya N'la* (2002). This study aims to present Black-Sergipano literature as a method for decolonizing the single narratives that have been imposed and occupy the center of the literary canon. The theoretical framework highlights contributions by Cida Bento (2022), Renato Nogueira (2018), Sueli Carneiro (2023), among others. Through this dialogue, partial results problematize the role of ancestry through the lens of traditional African spiritualities and how these memories and practices have been and continue to be re-signified in the Black diaspora in the state of Sergipe, as well as exploring the connections between matriarchy, ancestry, and African religiosities in the short stories (2019): *Jacinta Clotilde a guerreira de Ewá*, *Quintino de Lacerda: o arauto da serra* and *O castigo de Oiya* and in the poems (2002) - *Suplício racial* and *Sinal de alerta*. It concludes that D'Acelinian writing is a "territory of re-existence," where literature operates as a tool for reclaiming and reconnecting with the residual traces of the Black diaspora.

**Keywords:** Severo D'Acelino; Ancestry; Spirituality; Matriarchy; Black-Sergipana literature.

## El GRIOT DE IYA N'LA: Severo D'Acelino y la revisita de la ancestralidad afro-serigipana

### Resumen

Este artículo se enfoca en investigar el papel de la literatura negro-serigipana como instrumento de rescate de la ancestralidad africana, la espiritualidad y el papel de la mujer negra, a partir de la escritura literaria de Severo D'Acelino en *Cânticos de Contar Cuentos* (2019) y *Panáfrica África Iya N'la* (2002). Este estudio tiene como objetivo presentar la literatura negro-serigipana como método para descolonizar las narrativas únicas impuestas que ocupan el centro del canon literario. Como marco teórico, destacan las contribuciones de Cida Bento (2022), Renato Nogueira (2018), Sueli Carneiro (2023), entre otros. En este diálogo, los resultados parciales problematizan el papel de la ancestralidad desde las lentes de las espiritualidades tradicionales africanas y cómo estas memorias y prácticas han sido y son resignificadas en la diáspora negra en el estado de Sergipe, así como explorar las conexiones entre el matriarcado, la ancestralidad y las religiosidades africanas en los cuentos (2019): *Jacinta Clotilde a guerreira de Ewá*, *Quintino de Lacerda: o arauto da serra* y *O castigo de Oiya* y en los poemas

(2002) - *Suplício racial y Sinal de alerta*. Se concluye que la escritura dacelina es un "territorio de reexistencia", donde la literatura opera como herramienta de rescate y reconexión con los rastros residuales de la diáspora negra.

**Palabras clave:** Severo D'Acelino; Ancestralidad ; Espiritualidad; Matriarcado; Literatura Negro-Sergipana.

## **A DESCOLONIZAÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO: SEVERO D'ACELINO E A INSERÇÃO DA LITERATURA NEGRO-SERGIPANA NO DEBATE PÓS-COLONIAL**

Entender a literatura negro-sergipana é fazer uma revisitação à ancestralidade africana, a qual permite estudar as identidades, as resistências, as memórias coletivas e a luta pela justiça social da população negra em diáspora. A literatura negro-sergipana tem utilizado como estratégia discursiva as narrativas, experiências, histórias, culturas e denúncias da comunidade negra no estado de Sergipe.

Sergipe é o menor estado da federação brasileira, localiza-se na região nordeste do país, possui em sua totalidade 75 municípios e faz divisa com os estados de Alagoas a leste e Bahia a oeste. De acordo com o último censo do IBGE (2022) - 74,5% da população sergipana se autodeclara como preta ou parda. Levando em consideração estes dados estatísticos, fica evidente a importância de estudar e compreender a literatura negro-sergipana, uma vez que as vivências e as experiências negras ocupam de forma relevante o centro das narrativas literárias.

Ao revisitar a ancestralidade negro-sergipana, torna-se evidente a diversidade cultural presente em Sergipe. Principalmente ao que concerne a influência africana na literatura, música, dança, culinária, religião e em diversas manifestações culturais. Dentre os elencados destacamos a literatura, uma vez que este é o objetivo deste artigo. Discutir sobre a literatura negro-sergipana é abordar sobre o significado e significante das *escrevivências* (Conceição Evaristo, 1995) na vida cotidiana dos sergipanos, usando a ótica dos povos minoritizados para relatar sobre suas vivências e experiências.

Dentro deste vasto cenário, podemos destacar algumas figuras importantes como Beatriz Nascimento, João Sapateiro, Marco Vieira, Mestre Saci, Severo D'Acelino, Taylane Cruz, Stella Carvalho, Karolyne Reis entre outros. Entre os citados anteriormente, destacamos a figura de Severo D'Acelino, escritor afro-sergipano que atualmente tem 8 (oito) obras publicadas: *Racismo nas escolas e educação em Sergipe* (1998), *Panáfrica África Iya N'la* (2002), *Mariow: o terreiro de Ba' Emiliana* (2008), *Opará revisitado* (2016), *Quelóide* (2018), *Cânticos de contar contos* (2019), *Ode ao pensamento inebriado* (2023) e *Visões do olhar em transe* (2025).

As obras de Severo D'Acelino são um convite para revisitá a ancestralidade afro-sergipana, as quais rompem o ciclo de invisibilidade ao resgatar a importância dessas raízes na construção das identidades afro-sergipanas. É através da literatura de D'Acelino que conseguimos resgatar alguns personagens históricos como João Mulungum, Jacinta Clotilde, Quintino de Lacerda, Herculano Barbosa, João Sapateiro que por conta do epistemicídio<sup>27</sup> sofrido ao longo da história, foram apagados.

Partindo desse pressuposto, pode-se observar nas palavras de Sueli Carneiro que o epistemicídio "(...) é uma forma de sequestro, rebaixamento ou assassinato da razão — as pessoas negras são anuladas enquanto sujeitos do conhecimento e inferiorizadas intelectualmente (...)" (Carneiro, 2023, p.13). Ainda segundo a filósofa, este dispositivo funciona como equipamento que reforça as desigualdades e as opressões vividas sumariamente pela população negra.

De acordo com Cida Bento, essas desigualdades e opressões são reforçadas pelo pacto narcísico que envolve um acordo implícito realizado entre indivíduos brancos para manter seus privilégios raciais, mesmo que de forma inconsciente. Esse pacto sustenta o apagamento, a exclusão e a marginalização das pessoas negras e outras populações representadas historicamente como minoritizadas, protegendo a identidade e a posição de poder dos brancos. Conforme afirma a autora:

<sup>27</sup> O termo "epistemicídio" foi cunhado pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, no entanto nesta pesquisa será utilizado a obra "Dispositivos de racialidade" da filósofa Sueli Carneiro.

É possível identificar a existência de um pacto narcísico entre coletivos que carregam segredos em relação a seus ancestrais, atos vergonhosos como assassinatos e violações cometidos por antepassados, transmitidos através de gerações e escondidos, dentro dos próprios grupos, numa espécie de sepultura secreta. (Bento, 2022, p. 19)

Em desobediência discursiva ao pacto narcísico da branquitude e todo apagamento imposto aos cidadãos afro-sergipanos, Severo oportuniza a ancestralidade africana, pois sua escrita reafirma a tradição oral dos africanos e permite um diálogo crítico frente às pautas que envolvem temas importantes que atravessam a comunidade negra. São textos que representam a vida do negro, a história, a cultura, as religiosidades e que também problematizam a escravidão, episódios cotidianos de racismo, apagamento e epistemicídio. Consonante ao filósofo Raul Altuno (2014),

A cultura banta e a negro-africana brotam, expandem-se e permanecem pela palavra. Fundamentam-se na oralidade. A palavra tem a primazia e nada se mantém nem vive sem ela. Por isso, cultivam-na e tratam dela com carinho. Os bantos não intelectualizam a palavra. Ela e a pessoa que a pronunciaram estão unidas. Por ela e nela a pessoa comunica-se, translada-se e prolonga-se. A palavra é a pessoa, compromete-a e empenha-a. (Altuna, 2014, p. 88)

Ao reafirmar a tradição oral dos africanos, Severo D'Acelino foi um dos primeiros a promover a educação antirracista no ensino básico do estado de Sergipe. O autor é o responsável pela criação do projeto "João Mulungu vai às escolas", o qual foi desenvolvido com o objetivo de levar às escolas palestras e oficinas a fim de propagar a cultura e as histórias negras e indígenas. O projeto atuou por alguns anos, no entanto por falta de incentivo e investimento por parte do governo do estado foi engavetado. De acordo com Santos (2024):

[...] mesmo antes da implementação da Lei 10.639/03, Severo D'Acelino já se dedicava a palestras nas escolas, abordando temas de cunho antirracista. Em 1999, iniciou o projeto "João Mulungu vai às escolas" em colaboração com a Secretaria de Estado da Educação. Através de palestras, encontros e oficinas realizadas em escolas públicas da capital e do interior, abordava questões relacionadas à história e à cultura afro-brasileira e afro-sergipana. (Santos, 2024, p. 718)

Frente ao movimento multiplicador do autor em tela, este trabalho tem como eixo estruturador as obras *Cânticos de Contar Contos* (2019) e *Panáfrica*

*África Iya N'la* (2002). A primeira obra é um livro de contos, que aborda temas como o protagonismo da mulher negra, personagens históricos, rituais, espiritualidade tradicional africana, entre outros, enquanto a segunda trata-se de poesias, nas quais D'Acelino (2002);(2019) utiliza-se das estratégias do eu-lírico para representar as dores, as conquistas, as lutas e o sofrimento vivenciados pela comunidade negra desde o período escravocrata à contemporaneidade.

O objetivo geral deste texto consiste em verificar a tese inicial sobre o papel da ancestralidade afro-sergipana a partir das lentes das espiritualidades tradicionais africanas e como estas memórias e práticas foram ressignificadas durante a diáspora negra em nosso país, em especial no estado de Sergipe. Como objetivos específicos, busca-se: a) Analisar as estratégias narrativas de Severo D'Acelino ao reconstruir personagens históricos afro-sergipanos. b) Explorar as conexões entre o matriarcado, a ancestralidade e a religiosidade africana nas obras a partir dos contos - *Jacinta Clotilde a guerreira de Ewá*, *Quintino de Lacerda: o arauto da serra* e *O castigo de Oiya* e as poesias *Suplício racial* e *Sinal de alerta*. c) Investigar a representação das mulheres negras na literatura afro-sergipana.

A metodologia utilizada fundamenta-se a partir da abordagem qualitativa, combinando análise literária com os estudos culturais e históricos. Portanto, foram selecionados em *Cânticos de Contar Contos* (2019) os contos *Jacinta Clotilde a guerreira de Ewá*, *Quintino de Lacerda: o arauto da serra*, *O castigo de Oiya* e em *Panáfrica África Iya N'la* (2002) os poemas *Suplício racial* e *Sinal de alerta*.

A fundamentação teórica deste artigo estrutura-se nos conceitos centrais: escrevivência, matriarcado e espiritualidade tradicional africana. O primeiro, escrevivência – termo cunhado por Conceição Evaristo – será utilizado para analisar como D'Acelino articula as vivências e as experiências individuais e coletivas com a escrita.

A noção de matriarcado é explorada por meio de Ifi Amadiume (1997), auxiliando na compreensão das estruturas familiares e religiosas presentes nos

textos que compõem as análises. Por fim, os estudos de Paul E. Lovejoy (2002) contextualizam as práticas culturais na diáspora, enquanto Francisco Martinez (2009) e Raul Altuna (2014) contribuem para a análise da espiritualidade tradicional africana, permitindo entender as ressignificações das cosmogonias africanas em Sergipe.

Ao integrar ferramentas da crítica literária, estudos culturais e históricos, este recorte de pesquisa científica visa ampliar as discussões sobre a literatura negra-brasileira, demonstrando como a obra de D'Acelino insere em um projeto político-estético de reivindicação das memórias coletivas das populações representadas historicamente como minoritizadas.

## **DO CÂNTICO AO POEMA: A ESCRITA LITERÁRIA COMO ATO DE RESISTÊNCIA**

A literatura negro-brasileira ocupa um espaço importantíssimo na construção da identidade cultural e da história do Brasil. Isso porque, esta atua como instrumento de resistência, memória e escrevivências da população negra. A literatura negra-brasileira não é apenas uma expressão artística, é uma ferramenta política que desafia narrativas hegemônicas e reivindica vozes silenciadas. Cuti afirma que a “(...) literatura negro-brasileira, do sussurro ao grito, vem alertando para isso, ao buscar seus próprios recursos formais e sugerir a necessidade de mudança de paradigmas estético-ideológicos.” (Cuti, 2010, p.12).

E é nesse cenário que destacamos a literatura negro-serigipana a partir da escrita de Severo D'Acelino, a qual surge como mecanismo utilizado para questionar narrativas hegemônicas. Neste cenário, a literatura negro-serigipana traz para o centro da discussão literária as vivências e as experiências que foram silenciadas e/ou apagadas ao longo da historiografia oficial.

A produção literária de Severo D'Acelino é um território extremamente relevante, pois, entrelaçam as escrevivências, a força do matriarcado negro e a espiritualidade tradicional africana. Em seus contos e poesias, o autor apresenta

histórias de resistências, exalta figuras femininas poderosas e reverencia os orixás, construindo narrativas que conectam a memória e a celebração da cultura negra em diáspora.

D'Acelino, a partir da sua literatura, desenha a escrevivência ao narrar histórias que carregam as marcas das vivências e experiências negras em Sergipe. Seus textos não permanecem apenas no campo da ficção, são registros que a história oficial tentou apagar. Em *Cânticos de Contar Contos* (2019), contos como *Negra Conceição a guerreira de Mulugun* e *Jacinta Clotilde a guerreira de Ewá* apresentam mulheres negras guerreiras, cujas trajetórias misturam dores e forças, simbolizando a resistência da comunidade negra no período da escravidão e que reverberam até os dias atuais.

O matriarcado aqui aparece como eixo central em alguns contos, especialmente na figura de mulheres que lideram, protegem e ensinam. Nesse sentido podemos destacar as figuras de "Negra Conceição" e "Jacinta Clotilde", que são retratadas como mulheres fortes e que apesar de viverem no período da escravidão tiveram suas trajetórias pautadas na "emancipação das mulheres em suas vidas domésticas" (Diop, 2023, p.173) e em outras áreas, nesse sentido, essas protagonistas são heroínas vinculadas à luta por liberdade, representando a ancestralidade e o poder matriarcal que estruturou e ainda estrutura muitas tradições africanas.

Outro tema importante é a espiritualidade afro-brasileira que permeia os textos de D'Acelino, seja nos contos que retratam os orixás como Ewá, Oyá, Ogum, Iemanjá, Xangô, Omolu e Oxum, seja nos poemas de *Panáfrica África Iya N'la* (2002), onde a fé mistura-se com a luta política. Essa espiritualidade está profundamente ligada à tradição oral, pois, como destacado pelo filosófo Raul Altuno (2014) na cultura banta e negro-africana, a palavra é o fundamento dessa cultura, sendo por meio dela que os saberes, as crenças e as histórias se mantêm vivas.

A oralidade não é apenas um meio de transmissão, mas uma forma de existência, em que a palavra e quem a pronuncia estão unidos, comprometendo-se mutuamente. Diante disso, D'Acelino, ao trazer os orixás e a ancestralidade para sua escrita, reforça essa conexão entre a palavra e a

identidade, demonstrando como a linguagem carrega em si a espiritualidade e a resistência da população negra na diáspora.

Portanto, os textos do escritor afro-sergipano nos convida e instiga a aprender mais sobre a cultura negra-sergipana e os personagens históricos, oportunizando que vozes silenciadas ao longo da historiografia oficial sejam ouvidas e lidas.

## **ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA: A PERFORMANCE NARRATIVA EM CÂNTICOS DE CONTAR CONTOS (2019)**

A obra *Cânticos de Contar Contos* (2019) convida o leitor a conhecer a história do negro em Sergipe por meio da literatura, enfatizando o protagonismo de homens e mulheres escravizados, libertos, divindades e líderes religiosos de origem africana. Como citado na introdução deste artigo, foram selecionados os contos *Jacinta Clotilde a guerreira de Ewá*, *Quintino de Lacerda: o arauto da serra* e *O castigo de Oiye*.

### **Jacinta Clotilde: o matriarcado negro e a subversão do lugar social da mulher escravizada**

O conto *Jacinta Clotilde a guerreira de Ewá* aborda a figura histórica de Jacinta Clotilde, mulher negra natural de Estâncio, que desempenhou papel de articuladora nas lutas de resistência negra no estado de Sergipe. Reconstruída literariamente por Severo D'Acelino na obra *Cânticos de Contar Contos* (2019), o autor afro-sergipano reivindicou o protagonismo da mulher negra, ao analisar através das lentes interseccionais (Collins e Bilge, 2021) como Clotilde atravessada por sobreposições sociais de raça, gênero e classe desafiou as estruturas do patriarcado colonial e ressignificou o lugar social da mulher negra na sociedade da época.

O conto ficcionaliza a trajetória de Jacinta Clotilde que vai desde a sua infância como escravizada até a sua vida adulta como senhora de engenho. Em *Jacinta Clotilde, a guerreira de Ewá* apresenta a mulher negra como protagonista

e símbolo da resistência. Nascida escravizada, a personagem pertencia à propriedade do Cônego Antônio Luiz de Azevedo, com quem posteriormente se casou. Aos 15 anos, teve sua primeira filha, Turibia, e mais quatro filhos: Mariana, Antônio, Frederico e Francisco.

Jacinta Clotilde desempenhava múltiplas funções, incluindo as de mãe, esposa, senhora de engenho, administradora, educadora e líder da gleba, que abrigava negros, indígenas e ciganos. Assim como o marido, Jacinta era profundamente respeitada por sua luta contra a escravidão, mesmo diante de riscos pessoais. Com o falecimento do Cônego Azevedo, assumiu a posição de sinhá, conforme registrado no inventário deixado por ele. Diante disso, manteve o compromisso com a luta contra a escravidão, dedicando-se à família e à administração do Engenho Palmeira.

Ao assumir o papel de sinhá após a morte do Cônego Azevedo, ocupa um espaço de poder que possibilita usar seu *status quo* como ferramenta de proteção comunitária. Portanto, sua trajetória simboliza o empoderamento da mulher negra escravizada, rompe com as estruturas patriarcais ao exercer a liderança familiar e comunitária. A antropóloga Ifi Amadiume (1997) redefine o matriarcado como um sistema centrado nas estruturas do Mkpuke e na ideologia do Umunne (ou Ibenne), no qual as mulheres exercem poder na unidade familiar, sendo responsáveis pela provisão biológica e material.

É justamente neste cenário que a figura Jacinta Clotilde está inserida, na maternidade compartilhada onde interrelacionam compaixão/amor/paz (Amadiume, 1997). A sua liderança perpassou os limites territoriais impostos pela visão eurocêntrica que definem a família com base nos laços sanguíneos, isso porque sua liderança estendia-se a negros libertos e fugitivos, indígenas e ciganos, criando em sua propriedade um espaço que de dia atuava como engenho e à noite como quilombo. Aqui, o quilombo não é apenas um refúgio geográfico, mas um alicerce que simboliza a resistência, onde práticas ancestrais são recriadas para resistir ao massacre imposto pelo colonialismo.

Ao intitular o conto - *Jacinta Clotilde a guerreira de Ewá* , D'Acelino associa discursivamente Jacinta ao orixá Ewá que é considerada a deusa da clarividência

e intuição. Trazendo a capacidade de Ewá de ver além da aparência e possibilita entender a liderança de Jacinta a partir de uma governança ancestral em que o matriarcado desafia “as categorias de gênero ocidentais apresentadas como inerentes à natureza (dos corpos)”(Oyéwùmí, 2004, p.8), que binariamente traz a oposição entre o masculino e o feminino.

### **Quintino de Lacerda: as raízes da resistência**

O conto *Quintino de Lacerda: O Arauto da Serra*, de Severo D'Acelino, é uma narrativa que reconstroi a história e a memória negra sergipana a partir do personagem histórico Quintino de Lacerda. O conto narra a trajetória de Quintino que vai da infância marcada pela violência da escravidão, o que Lovejoy (2002) definiu como um sistema de exploração, em que o escravizado era propriedade do seu senhor, até sua vida adulta destacando sua conquista como líder quilombola e intelectual.

[...] não tinham o direito à sua própria sexualidade e, por extensão, às suas próprias capacidades reprodutivas; e que a condição de escravo era herdada, a não ser que fosse tomada alguma medida para modificar essa situação. [...] (Lovejoy, 2002, p.30)

O conto inicialmente é ambientado na Vila de Santo Antônio das Almas, onde atualmente é o município de Itabaiana-SE. O texto nos apresenta Quintino ainda criança, cujo corpo já carregava as marcas da violência da escravidão. Ainda na juventude, é vendido e junto ao seu novo dono, posteriormente, migra para Santos-SP, onde é alfabetizado.

Em Santos/SP, ascende à liderança do Quilombo de Jabaquara, onde desenvolve estratégias políticas e acolhe os escravizados fugitivos. Por conta da sua projeção social e lealdade ao então presidente da república Marechal

Floriano, recebeu o título de Major Honorário do Exército Brasileiro, concedido pelo governo. Mais tarde candidata-se à eleição para um cargo político e se torna o primeiro vereador negro eleito no Brasil.

Além de trazer as conquistas de Quintino, D'Acelino aborda o adoecimento mental desse personagem histórico, esse adoecimento é retratado como sintoma do cansaço de carregar o peso de lutar contra as estruturas racistas que sobrevivem no pós-abolição. Apesar de desempenhar um papel importante na luta contra a escravidão, Lacerda acaba sucumbindo às opressões impostas, entretanto deixa um legado de luta e ancestralidade que atravessam gerações.

Ao intitular o conto como *Quintino de Lacerda: o arauto da Serra*, D'Acelino além de destacar que Quintino foi o mensageiro profético, ressalta que este era também um anunciador de mudanças. A serra, neste cenário, representa tanto a geografia do quilombo de Jabaquara quanto os obstáculos vividos por ele.

O conto traz como tema central a representação da luta e da resistência da comunidade negra ao ficcionalizar a história de um personagem histórico, Quintino de Lacerda. O narrador aborda questões cruciais, como a brutalidade da escravidão, a solidão do homem negro, a busca por liberdade, e as dificuldades enfrentadas por aqueles que ousavam desafiar o sistema vigente. Além de abordar estes temas, a narrativa discorre sobre a infância marcada por violências ao ápice das conquistas como líder comunitário e político. O texto literário nos estimula a refletir como a vida de pessoas escravizadas foram e são marcadas pela luta constante por liberdade.

O conto destaca os desafios enfrentados por Quintino, como também suas realizações e contribuições para a luta para a abolição da escravatura no Brasil. O personagem Quintino dá luz à narrativa por ser um homem negro que

desempenha papel importante na nossa história. Um líder nato, que lutou contra a escravidão, a favor da liberdade e do reconhecimento da luta do negro brasileiro. De acordo com Pereira, a trajetória de Quintino de Lacerda "[...] pode ser entendida como a de uma ponte conectando dois mundos que pouco se encostaram". Sabendo articular-se para obter sua liberdade, optou por lutar em prol dos que via como seus pares unindo-se a membros da elite local e assim conseguindo ascender socialmente [...]” (Pereira, 2011, p. 85). Portanto, a trajetória de Lacerda é marcada por vários momentos que vão desde o sofrimento, angústias, lutas, e conquistas à solidão.

### ***O castigo de Oiye: o chamado ancestral***

Em *O castigo de Oiye*, a espiritualidade tradicional africana é o tema central. Neste conto, somos confrontados com crenças, ancestralidades, hierarquias, tradições e a intolerância religiosa. O narrador oferece, nesse contexto, perspectivas repletas de riquezas e diversidades. Severo D'Acelino tece uma narrativa ficcional que destaca o processo ritualístico sobre os princípios espirituais que regem o candomblé. Consoante a isso, Martinez (2009) afirma que:

As religiões tradicionais africanas são, de fato, as religiões naturais dos povos da África subsaariana que foram conservadas e transmitidas oralmente de geração em geração até aos nossos dias. Encontramos nelas um corpo de verdade: Deus, Ser Supremo e Criador; os intermediários entre Ele e os homens; outros espíritos; ritos para as mais diversas circunstâncias da vida (desde o nascer até à morte); os especialistas dos ritos (responsáveis da interpretação e realização do rito); a comunidade que os celebra (familiar ou social); e as orientações de ordem ética (prescrições e proibições), que determinam o comportamento dos seus membros. (Martinez, 2009, p.100)

Nesse contexto, em *O Castigo de Oiye*, acompanhamos a tensão durante um importante ritual de Orunkó no terreiro de Mãe Laikó. A narrativa gira em torno de Sabina de Oiye, a Mãe Pequena, que percebe algo errado na cerimônia de iniciação dos Iaôs, sua intuição alerta para uma violação no ritual cometida por um dos Ogãs, que teria adulterado o ebó. Quando chega o momento da apresentação dos iaôs, apenas cinco orixás se manifestam: Ogum, Iemanjá,

Xangô, Omolu e Oxum. No entanto, Iansã recusa-se a manifestar-se, sinalizando uma violação durante o ritual pelo seu iniciado.

Diante deste fato, o terreiro de candomblé e todos os integrantes são castigados, como castigo o Ogã que violou a iniciação fica paraplégico, Sabina abandona o terreiro temporariamente, e Mãe Laikó passa por uma provação ao tentar converter-se ao protestantismo, onde sofre violência religiosa. O conto explora temas como a justiça ancestral, a intolerância religiosa e a resistência das tradições afro-brasileiras. Além de abordar o castigo, a narrativa destaca a importância de obedecer as tradições da espiritualidade africana.

Mesmo com a violação, sete anos depois, o ciclo da iniciação se completa com o retorno do iaô de Iansã e a reabertura do terreiro, mostrando que, apesar das rupturas, o axé prevalece quando há respeito às leis do sagrado. A história destaca especialmente o papel das mães Sabina e Laikó como guardiãs das tradições e mediadoras entre o mundo terreno e o divino.

Em síntese, *O Castigo de Oiya* aborda como tema estruturador, as tradições religiosas afro-brasileiras do candomblé e as complexidades enfrentadas por seus praticantes frente aos desafios cotidianos. Ao longo da narrativa, diversos temas entrelaçam-se, revelam-se variantes importantes desta experiência religiosa. Neste contexto, observamos eixos importantes como: as tradições e os rituais do candomblé, os papéis sociais, as hierarquias no axé, as rivalidades entre os membros do mesmo terreiro, os desafios internos, as influências das religiões cristãs e neopentecostais, a demonização das práticas no candomblé, a intolerância religiosa, e outros temas que atravessam as práticas na espiritualidade tradicional africana.

Diante disso, aprendemos que os orixás desempenham papéis importantes na vida dos praticantes do Candomblé, isso porque são elementos centrais na ancestralidade, resistência e espiritualidade. Segundo Nogueira (2022) na mitologia iorubá:

[...] os orixás são as forças da natureza, potências vivas e divinas

que simbolizam a tempestade, a cachoeira, o trovão, o entardecer, o amanhecer, a lua, o sol, a mata, a floresta e todos os inúmeros fenômenos do meio ambiente. Os orixás também simbolizam atributos humanos: a maternidade, a paternidade, a vaidade, a capacidade de fazer guerra, a habilidade de firmar e manter a paz, o desejo de amar, o ciúme, a perspicácia, a inteligência, a inveja, a malícia, a astúcia e a sabedoria, e entre outros (Nogueira, 2022, p.65).

Portanto, os orixás, as tradições e os rituais do candomblé são fundamentais na narrativa, pois fornecem argumentos suficientes para a compreensão das práticas religiosas e dos eventos que se desenrolam no terreiro. Outro ponto importante, são os preparativos para os rituais, uma vez que estes refletem a importância de cada etapa e a manutenção das tradições ancestrais. Dentro deste contexto, é importante destacar os papéis sociais e as hierarquias no axé, o qual desenha as relações entre os membros e revelam as complexidades das dinâmicas sociais presentes no terreiro. As rivalidades entre os integrantes do mesmo terreiro destacam as lutas de poder e as disputas internas que podem surgir dentro desta comunidade.

Outro ponto é que as religiões cristãs e neopentecostais são capazes de exercer uma influência marcante sobre a sociedade e moldam as percepções e as crenças das pessoas. Esta visão reduzida e única da religião cristã acaba a influenciar e propagar a história única do ocidente sobre a religião que é considerada a “correta” .

Para além da presença física destas igrejas em espaços públicos e empobrecidos, elas utilizam estratégias discursivas que fomentam e influenciam o psicológico, o consciente e o inconsciente dos cidadãos de todas as religiões, contribuindo diretamente com a falácia do ocidente branco e colonizador que desde a invasão do continente africano demoniza as práticas das espiritualidades tradicionais africanas e os orixás, desencadeiam assim a intolerância religiosa enfrentada pelos praticantes das religiões de matrizes africanas até os dias atuais.

Neste quesito, o conto problematiza a intolerância religiosa. E isso pode ser percebido com base no fragmento a seguir:

Passaram anos, e o Terreiro fechado, na Igreja Universal, Mãe Laikó a tudo via, participava e percebendo a mesma viagem de onde veio, passou a questionar as manifestações e as ações dos Pastores e da Igreja. Numa tarde, durante um culto, Mãe Laikó cai em transe com o Caboclo e é espancada pelo Pastor e pelos Obreiros queriam exorcizar o demônio do seu corpo, dizendo-a possuída por Satanás" (D'Acelino, 2019, p.113-114).

Frente ao exposto, a narrativa retrata a violência contra integrantes e ex-integrantes do candomblé, mesmo após a saída da religião seguiram sendo demonizados e segregados. Consoante a Nogueira no que:

[...] cerne da noção de intolerância religiosa, está a necessidade de estigmatizar para fazer oposição entre o que é normal, regular, padrão, e o que é anormal, irregular, não padrão. Estigmatizar é um exercício de poder sobre o outro. Estigmatiza-se para excluir, segregar, apagar, silenciar e apartar do grupo considerado normal e de prestígio (Nogueira, 2020, p. 19).

A figura de Mãe Laikó, ex-integrante do candomblé em um espaço, no qual não a "pertencia", influenciou que esta fosse segregada, violentada e estigmatizada. Nogueira ainda pontua que:

As ações que dão corpo à intolerância religiosa no Brasil empreendem uma luta contra os saberes de uma ancestralidade negra que vive nos ritos, na fala, nos mitos, na corporalidade e nas artes de sua descendência. São tentativas organizadas e sistematizadas de extinguir uma estrutura mítico-africana milenar que fala sobre modos de ser, de resistir e de lutar. Quilombo epistemológico que se mantém vivo nas comunidades de terreiro, apesar dos esforços centenários de obliteração pela cristandade (Nogueira, 2020, p. 29).

O conto representa como o candomblé é importante para a comunidade que o pratica, porque é a fonte de resistência, ancestralidade e espiritualidade. Além disso, a narrativa destaca a importância dos preparativos nos rituais, o cumprimento de todas as etapas, e como a quebra das tradições pode terminar

em castigo. Ademais, são realizadas denúncias sobre as violências direcionadas às pessoas do terreiro e como praticantes de religiões cristãs e neopentecostais os demonizam. Diante disso, o narrador nos proporciona com riqueza de detalhes como o candomblé é um modo de vida a ser partilhado em comunidade.

## **ECOS ANCESTRAIS: A POESIA PANAFRICANA DE SEVERO D'ACELINO**

Em *Panáfrica África Iya N'la: Revisitação à ancestralidade afro – sergipana* (2002), Severo nos conduz por uma jornada poética que vai além da expressão artística. Seus versos carregam sentimentos profundos, onde trabalha uma série de protestos, nos quais o autor não apenas nos convida a contemplar a realidade política e social do negro, mas também nos instiga a despertar uma consciência mais profunda sobre as injustiças e as desigualdades enfrentadas pela comunidade afrodescendente.

Em sua poesia panafricana Severo faz com os leitores se conectem com as lutas e as histórias do povo negro, que vai desde o período da escravidão até os dias atuais. Cada eco poético de D'Acelino carregam as memórias coletivas e a resistência, o que revela as cicatrizes deixadas pela escravidão, a solidão das mulheres e dos homens negros, a segregação e o racismo estrutural. Além de trabalhar com as dores e os traumas da população negra, o autor trabalha também a cultura, a identidade e a resiliência, o que nos dá margem para interpretar de forma coerente esta população que ao longo da história foi e vem sendo silenciada.

Em *Suplício racial*, Severo D'Acelino discute a desumanização do negro desde a escravidão até os dias atuais como tema principal. O eu poético nos convida a partir dos versos livres a refletir sobre as diversas faces da escravidão, do racismo e da violência. Por meio de uma linguagem poética envolvente e ao mesmo tempo impactante, somos confrontados com a brutalidade dos sistemas que negaram e negam a humanidade e a dignidade dos negros, expondo as injustiças e as atrocidades cometidas em nome do sistema colonial.

Ao mesmo tempo, o poema nos convida a olhar para além das páginas da história, reconhecer que a luta contra o racismo e a violência ainda persiste nos dias de hoje. "Tirem-lhes tudo: língua, religião, tradição, cultura, toda a memória

tribal" (XCIV, 2002, D'Acelino). Podemos observar a partir deste fragmento que a escravidão tentou apagar do negro de diversas formas a identidade cultural, e a conexão com a sua ancestralidade, no entanto a diáspora negra resistiu e ainda resiste.

Ainda hoje,  
As correntes, argolas  
Gorilhos e gargalheiras  
Sufocam nossa gente  
No tronco, capturada  
E imobilizada, gemidos  
Que doem algemas e peias  
(1-7) (D'Acelino, 2002, p. XCIV).

Em *Sinal de alerta* o eu-lírico discute sobre a questão do negro na sociedade, neste sentido o poema aborda a necessidade de discussão sobre a participação do negro nas esferas de poder e na tomada de decisões, o que permanece como uma temática atual e crucial. O eu poético salienta que a questão do negro não se limita somente ao acesso ao poder, mas envolve também a capacidade de participar de forma igualitária na resolução dos problemas sociais, ou seja, traz à tona a importância da representatividade e de um maior número de negros em todas as camadas da sociedade. Desta forma, é destacada a importância da inclusão e o reconhecimento da contribuição significativa que a população negra oferece na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A Questão do Negro  
Não é o Poder em si  
Vai mais além  
É o poder participar  
Das decisões  
Nas soluções dos problemas  
Nacionais. (1-7) (D'Acelino, 2002, p. CXIV).

Assim, os ecos da poesia panafricanista de D'Acelino se revelam tanto como testemunho quanto ato político, mostrando que a literatura, quando articulada a partir das lutas populares, pode ser arma poderosa na batalha por justiça racial.

Enquanto *Suplício racial* expõe as feridas criadas no períodos da escravidão e que reverberam até a atualidade, *Sinal de alerta* nos mostra o caminho de reconstruções das memórias apagadas e a luta pela ocupação dos negros nos espaços de poder. Neste sentido, esses poemas não apenas refletem sobre a resistência negra, como reafirmam-se como atos de resistência, inscritos na pele como os quelóides.

## O LEGADO SEVERIANO

O trabalho realizado por Severo D'Acelino é de grande importância, porque a sua escrita resgata o papel da ancestralidade africana, as espiritualidades, os personagens históricos, o protagonismo da mulher negra, as denúncias das violências vividas no período da escravidão até a contemporaneidade, a espiritualidade tradicional africana, às conquistas do negro entre outros.

As religiões de matrizes africanas têm raízes profundas na diáspora negra e é uma das principais formas de expressões da cultura africana no Brasil. Elas são um importante elo para a preservação das tradições, rituais e conhecimentos transmitidos de geração em geração. Ao estudar as obras de D'Acelino e seu protagonismo na valorização das culturas e histórias afro-sergipanas, é primordial fazer uma conexão com a espiritualidade tradicional africana, que desempenham um papel fundamental na sua narrativa e na formação dessas identidades culturais.

As obras *Cânticos de Contar Contos* (2019) e *Panáfrica África Iya N'la* (2002) reivindicam a ancestralidade afro-sergipana e nos convidam a fazer uma viagem na história e nas tradições, entre o passado e o presente, entre os personagens fictícios e os históricos ficcionalizados. Ambas reafirmam a importância da oralidade e as tradições africanas, além de ser fonte de identidades, resistências e memórias coletivas das populações que, ao longo da história oficial, foram silenciadas e/ou apagadas.

Ao destacar a importância dos personagens históricos, Severo oportuniza que eles estejam no centro da discussão do cânone literário. Não a partir da ótica dos invasores, mas sim da história contada através da lente dos que sempre

foram silenciados historicamente. Quando o narrador retrata a espiritualidade tradicional africana, é evidente que o foco não é retratar apenas tradições, mas os rituais, a vida em comunidade e as denúncias contra as violências direcionadas às pessoas que fazem parte do terreiro de candomblé.

Na poesia, o autor nos conduz a uma série de manifestos e protestos contra o sistema racista estrutural. Ao fazer estas denúncias e reivindicar o seu lugar de direito, o eu-lírico convida o leitor a refletir e questionar o motivo de algumas coisas serem como são. O porquê de a história do negro sempre ser contada a partir da escravidão, ou da falta de pessoas negras ocupando espaços de poder.

Diante de toda a análise realizada, fica mais que evidente que Severo D'Acelino não é um mero contador de histórias, mas sim um contador de memórias e tradições. E para finalizar e não menos importante, se faz necessário destacar como o texto literário de outras margens devem e podem contribuir para uma Educação antirracista e plural em nossa sociedade, tanto na educação básica , como no ensino superior.

## REFERÊNCIAS

ALTUNA, Raul. *Cultura tradicional Bantu*. 2a ed. Águeda: Paulinas Editora, 2014.

BENTO, Cida. *Pacto da branquitude*. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARNEIRO, Sueli. (2023). *Dispositivo de racialidade: A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. 1a ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CULTURA NEGRA SERGIPANA. *Práxis Pedagógica: Revista do Curso de Pedagogia*. Aracaju. Volume 03. Número 05, p. 49-64, Julho/ Dezembro de 2015.

D'ACELINO, Severo, *Cânticos de contar contos Revisitação a ancestralidade afro - sergipana*; Aracaju: J. Andrade, 2019.

D'ACELINO, Severo, *Panáfrica África Iya N'la: Revisitação a ancestralidade afro - sergipana*; Aracaju: MemoriAfro, 2002.

DIOP, Cheikh Anta. *A Unidade Cultural da África Negra: Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Clássica*. Rio de Janeiro: ANANSE, 2023. (Primeira edição, Paris: Présence africaine, 1959).

DOMINGUES, Petrônio. *João Mulungu: a invenção de um herói afro-brasileiro*. História: Questões & Debates, Curitiba, volume 63, n.2, p. 211-255, jul./dez. 2015. Editora UFPR.

DOMINGUES, Petrônio. *Severo D'Acelino: Um intelectual Pan-Africanista*. Revista de Teoria da História. Universidade Federal de Goiás. Volume 22. Número 02, p. 79-99, Dezembro de 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Sergipe*. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/se.html>> acesso em 02/08/2024.

LOVEJOY, Paul. Escravidão na África: uma História de Suas Transformações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARTINEZ, Francisco. *Religiões africanas hoje: introdução ao estudo das religiões em Moçambique*. Maputo: Paulinas Editora, 2009.

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Pólen, 2020, 160pp.

NOGUERA, Renato. *Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formaram a mulher atual*. São Paulo: Harper Collins, 2017. 156 p.

OYĚWÙMÍ, O. *Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas*. Tradução: Juliana Araújo Lopes. Dakar, CODESRIA, v. 1, p. 1-8, 2004

PEREIRA, Matheus Serva. *Uma viagem possível: da escravidão à cidadania. Quintino de Lacerda e as possibilidades de integração dos ex-escravos no Brasil*. Disponível em <<https://www.historia.uff.br/stricto/td/1488.pdf>> acesso em 05/08/2024

SILVA, Rosemere Ferreira da. *Severo D'Acelino e a produção textual afro-brasileira*, 2008.

SANTOS, Jéssica Francisca Mota dos. *Cânticos de contar contos e Panáfrica África Iya N'la*. In: XI SEMINÁRIO INTERNACIONAL LITERATURA E CULTURA.2024. São Cristóvão, Anais do XI Seminário Internacional de Literatura e Cultura. Local de edição: Editora Criação, 2024, p. 717-727